Casa, uma casa, minha casa: cartografia afetiva do morar

Mahayana Nava de Paiva Gaudêncio
Edmundo de Oliveira Gaudêncio

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVEIRA, MFA., and SANTOS JUNIOR, HPOS., orgs. *Residências terapêuticas: pesquisa e prática nos processos de desinstitucionalização* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 320 p. ISBN 978-85-7879-063-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Casa, uma casa, minha casa: cartografia afetiva do morar

*Mahayana Nava de Paiva Gaudêncio
Edmundo de Oliveira Gaudêncio*

Introdução

A casa representada numa estampa suscita facilmente o desejo de habitá-la. Sentimos que gostaríamos de lá viver, entre os próprios traços do desenho bem impresso. A quimera que nos impele a viver nos cantos nasce também, às vezes, pelo encanto de um simples desenho (BACHELARD, 1978).

Este trabalho, na verdade uma “bricolage” de imagens afetivas, resulta do cruzamento dos olhares de uma estudante de Arquitetura e um estudioso de Sociologia, enquanto obedece ao modelo de uma “poética do espaço”, tal como proposto por Gaston Bachelard, que tomamos como fio de prumo.

Diz ele:

Os conceitos são gavetas que servem para classificar os conhecimentos; os conceitos são termos de confecção que desindividualizam

os conhecimentos vividos. Para cada conceito há uma gaveta no móvel das categorias. O conceito é um pensamento morto, já que ele é, por definição, pensamento classificado (BACHELARD, 1978).

Afirma ainda: “só as imagens podem recolocar os verbos em movimento” e “pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético do espaço da casa” (BACHELARD, 1978).

Daí a forma deste trabalho, mais afetiva que racional, mais imagética que conceitual, na verdade recortes, *flashes*, mas também mosaico, fractal, rizoma. Em suma, uma leitura bachelardiana sobre o imaginário despertado pelas emoções derivadas das imagens afetivas e mnésticas geradas pela casa. Objetivando cartografar a morada do ser humano, tomemos o percurso que nos é sugerido pelo conceito de “casa”, em seguida, tomemos a noção de “uma casa”, e por fim, tomemos a ideia de “minha casa”.

De saída, essas três concepções nos apontam que uma casa é uma casa, mas uma casa é sempre diferente: não há no mundo duas casas idênticas e até a mesma casa todos os dias é sempre uma casa nova, porque sempre novos, sempre outros, a cada dia, são os seus velhos habitantes.

Mas, casa, em linhas gerais, é moradia, habitação, morada, residência. Casa é também casebre, choça, choupana, palhoça, mansão, apê, palácio. Casa é toca, ninho, concha, covil, exemplos da diversidade do que seja casa, abrigo, guarida, acolhimento, recolhimento, cumprindo com tudo isso a mesma função de proteção contra a natureza. Com a palavra, Bachelard (1978): “se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz”. E prossegue, na mesma página: “A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das

tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser ‘atirado ao mundo’, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. (...) A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa”. Mas, se tudo isso é casa, o que é casa para o animal humano?

Para quem nasceu na língua portuguesa, são diversos os sinônimos de casa. Perseguimos o conceito disso, na trama que os vocábulos costuram no dicionário: Segundo Houaiss e Villar (2001), **morada** é “1. Casa ou lugar em que se habita; moradia, moradio. 2. Período em que se permanece domiciliado em algum local; permanência. 3. O endereço de residência. 4. Local onde se encontra habitualmente determinada coisa. **Última morada**, 1. O cemitério. 2. O túmulo, a sepultura.”

Por outro lado, estabelecendo interfaces com moradia, **moradia** é “1. Morada (‘Casa’). 2. Tença concedida a fidalgos e a funcionários públicos para suprir despesas com habitação. 3 – Licença concedida a um religioso para que obtivesse sustento também fora do seu convento.” De outra forma, **residência** é “1. Hospedaria mais luxuosa que a pensão, mas menos aparelhada que o hotel. 3. Morada habitual em determinado lugar. 4. Permanência obrigatória no lugar em que se exerce uma função. 5. Casa de habitação, domicílio, lar, morada. 6. Local onde alguém fixa sua habitação durante determinado período.” **Casa**, por fim, é “1. Edifício de formatos e tamanhos variados, geralmente de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação. 2. Cada uma das dependências em que é dividida uma habitação. 3. Família; lar. 7. O conjunto de negócios e assuntos domésticos. 8. Mobiliário, roupas, louças e demais objetos que são necessários a uma residência. 9. Lugar destinado a encontros, a reuniões ou à moradia de certas categorias de pessoas, cujos interesses, origens e culturas por vezes representa ou expressa. 10. Estabelecimento ou firma comercial” (HOUAISS; VILLAR, 2001).

Nessa trama conceitual, cabe a pergunta: o que compõe uma casa?

Casa é aquilo de que é feita uma casa. De taipa, de adobe, de tijolo, de pedra, de concreto, de aço, de gelo, de vidro, de galhos, de madeira, de papelão – o que não é casa, ainda assim pode vir a servir de arremedo de moradia. Diógenes, aliás, não transformou um grande odre de barro em residência?

Uma casa é também a soma dos componentes arquitetônicos que geralmente estruturam uma casa mediana: Jardins, varandas, terraço, sala-de-visitas, sala-de-estar, sala-de-jantar, quartos, banheiros, cozinha, quintal, às vezes porão e sótão – os quais, quando presentes, atestam melhor que ninguém a “verticalidade do ser da casa”, verticalidade que é assegurada pela polaridade do porão e do sótão: “No sótão, a experiência do dia que pode sempre apagar os medos da noite. No porão há escuridão dia e noite. Mesmo com uma vela na mão, o homem vê as sombras dançarem na muralha negra do porão” (BACHELARD, 1978).

Evidentemente, uma casa típica é também portões, portas, janelas – e não disse Bachelard (1978) “a lâmpada à janela é o olho da casa.”? E não falou, ainda, que “Há casas claras onde mora, em todas as estações do ano, o verão. São só de janelas”?. Entretanto quer seja a casa rural, seja a casa urbana; seja a casa construída em série, seja a casa artesanal dos ladrilhos do piso, passando pelos tijolos das paredes, às telhas do teto, esse o espaço da casa, apesar de que frequentes vezes a casa se reduz a um cômodo de palha ou de adobe, da qual dizem as muitas pessoas que a dividem: “Esta é minha casa. Seja bem-vindo...!”

Além disso, a casa é espaço privado recortado do espaço público: a casa e a rua; o dentro e o fora; o interno, o privado, o íntimo. Uma casa é ponto de referência espacial: imobilidade em meio aos deslocamentos do sair de ou do voltar para casa. Casa é ponto de referência afetivo: estar e ficar em si mesmo exatamente por poder

estar e ficar em casa. Casa é lugar de pertença, presença, às vezes nascença e morte. Diz Bachelard (1978), citando Supervielle, que à “vertigem do exterior” se contrapõe uma “imensidão interior”, vez que, como ele havia dito, “a casa é nosso canto no mundo”. Casa é ponto de referência para a cidadania: não ter endereço fixo é condição impeditiva para o *habeas corpus*, para o “tenhas o corpo” que é garantia do direito de ir e vir.

Na caracterização da casa, adiciona-se a tudo isso a história vez que a casa é a história que o tempo conta sobre o que foi, o que é, o que será uma casa. Assim, a cada tempo e cada lugar, cada casa de cada um que se expressa nos estilos arquitetônicos e no estilo pessoal de seus habitantes. Diz-me como é a casa e te direi como são os seus habitantes, uma vez que a identidade da casa é – ou deve ser – um reflexo da identidade de seus donos, tomando, a fisionomia da casa, a fisionomia de seus proprietários.

Descrever a fisionomia da casa típica ou da casa que tipifica a morada do homem ao longo da história implica em ter que contar que as casas gregas, assim como nas demais civilizações, foram erguidas mediante os princípios da segregação econômica – exceto aquelas construídas na primeira metade do século V, como afirma Maffre (1989): “As habitações privadas daqueles que estavam então no poder (...) eram tão modestas... que a casa de um Címon, de um Aristide, e em geral, dos homens ilustres daquele tempo, parece, a cada um de vós que a conhece, em nada mais suntuosa que a casa do nosso vizinho”. Posterior a essa época, comenta Maffre: “Em cidades grandes e antigas, como Atenas, há todo o tipo de casas, de acordo com os bairros e o grau de fortuna dos ocupantes”. Assim sendo, era comum construir na Grécia Clássica, com madeira, pedra, tijolo cru, adobe, barro ou “*com uma massa de palha e lama*, segundo a expressão de Aristóteles” (MAFFRE, 1989). A qualidade dos cômodos assim como a quantidade, também, advêm das condições socioeconômicas: “nos bairros populares amontoam-se casinhas que se limitam raramente a um cômodo, mas têm dois ou três no

térreo, com às vezes, um ou dois quartos minúsculos no andar, aos quais dá acesso uma escada exterior de madeira que acaba em uma sacada que sobressai da parede, dando para a rua” (MAFFRE, 1989). Sobre as casas mais suntuosas, continua o autor: “O térreo das casas maiores compreendem, além das salas de estar, o pátio e o vestibulo, uma sala de recepção reservada aos homens, o *andrôn*, e cômodos de serviço: cozinha, despensa, e às vezes banheiro, oficina, loja, que se abrem para a rua independentemente. Os aposentos das mulheres (*gineceu*) e os quartos da criadagem estão no andar” (MAFFRE, 1989).

Características ligadas ao contexto socioeconômico também são observadas na Idade Média, no tocante à divisão/locação territorial das classes sociais. Os raros edifícios públicos dividiam o mesmo espaço com fortalezas, castelos, residências de nobres, ricos burgueses e clérigos com as residências particulares. No entanto, todas essas tipologias da diferente forma de habitar resumem o sentimento e a necessidade de toda uma época: a proteção. O urbanismo medieval nasce exatamente dessa necessidade de proteção e defesa, assim como afirma Giordani (GIORDANI, 1983): “quando as necessidades de defesa levaram à fundação de cidades em locais que facilitassem repelir ataques ou enfrentar assédios (colinas, ilhas, confluências de rios etc.), a fisionomia urbana refletia a topografia irregular a que estavam sujeitos os traçados das ruas.” Giordani continua, a mesma página: “Na Idade Média predomina a cidade irregular, o que se explica por seu crescimento orgânico e natural. Irregular aqui não significa existência de caos”.

É dentro desse contexto de irregularidade e necessidade de proteção que a vida cotidiana acontece e nos apresenta seu melhor objeto: o lar. As diferentes classes sociais existentes nos permitem observar as casas sob tipologias diversas. Sobre as casas rurais, Giordani (1983) diz: “Esta compunha-se, geralmente, de uma única sala onde se desenrolavam todas as atividades do lar: Aí se comia e convivia, aí repousavam mulheres e crianças, já que aos homens bastava o

palheiro instalado por cima dos estábulos. É claro que esta ‘casa’ podia comportar maior número de divisões, consoante a abastança do proprietário”. O autor, acerca da casa urbana e seus cômodos, descreve: “ao lado do edifício residencial existiam, conforme a situação econômica do proprietário, outras edificações: a adega para o vinho, o celeiro, os abrigos para os veículos, os estábulos etc.” Em contraponto a vida simples dos camponeses, Giordani (1983) faz a descrição de um castelo dizendo que

as muralhas dos castelos abrigavam armazéns, estábulos, padaria, alojamento para serviçais e também uma capela. (...) O pavimento inferior funcionava como depósito e calabouço. (...) No segundo pavimento ficava o salão principal, que servia de corte de justiça ao barão e de sala de jantar, de estar e quarto de dormir para a maior parte da família. (GIORDANI 1983).

Na Idade Média, a matéria prima das construções diverge também de acordo com as condições econômicas. Sobre isso, relata Giordani (1983) ainda: “Durante muito tempo as casas das cidades parecem ter sido construídas de madeira ou terra socada. Por volta do início do século XII aparece a casa de pedra.” – e se fôssemos contar a história da casa de tijolo teríamos toda uma enorme obra pela frente, só para contar a história do tijolo, só para falar do tijolo na História, o que, evidentemente, não cabe nos limites deste trabalho.

Por outro lado, com o advento da modernidade, novas concepções para a casa, uma vez que a cidade se torna objetivo de vida, sofrendo, a cidade, constantes mutações oriundas desse novo ser urbano, a ponto de Baudelaire dizer que “a forma de uma cidade muda mais rápido, infelizmente, do que o coração de um mortal.” Na cidade moderna, o barro, o adobe, a pedra ficam restritos às classes mais pobres, quando não são descartados por completo. Sobre isso comenta Benévolo (1976): “As moradias tornam-se mais higiênicas

graças à substituição da madeira e da palha por materiais mais duráveis, e ainda mais pela separação ente casa e oficina”. De fato, esse rompimento com o tradicional mostrou-se necessário quando analisado sob a ótica da qualidade de vida. A modernidade dita a moda, que muitas vezes é entendida como o ápice da construção, sendo por vezes ignorados os aspectos de conforto, cultura e história de uma localidade e sua civilização. Mas, dessas construções bem ou mal sucedidas é que resultam hoje as nossas casas de ferro, de aço, de vidro, de formas e texturas que permitem uma melhor representação de quem as habita. Dessa modernidade, é que também surgem as diversas variações do lar: o albergue, o *flat*, as casas terapêuticas, formas que permitem o ser e o estar de um indivíduo, como afirma Botton (2007): “Em troca, tendemos a honrar aqueles lugares cuja perspectiva combina com a nossa e a legitimize chamando-os de ‘lar’. Nossos lares não precisam nos oferecer abrigo permanente ou guardar as nossas roupas para que mereçam esse nome. Falar em lar com relação a uma construção é simplesmente reconhecer a sua harmonia com a nossa própria canção interior preferida. Lar pode ser um aeroporto ou uma biblioteca, um jardim ou um trailer de comida na beira da estrada.”.

Na atualidade, a casa é verticalizada, os espaços são em geral reduzidos, mas a casa continua presente, constante e fundamental: “Precisamos de um lar no sentido psicológico tanto quanto no físico: para compensar uma vulnerabilidade. Precisamos de um refúgio para proteger nossos estados mentais, porque o mundo em grande parte se opõe às nossas convicções” (BOTTON, 2007).

Como fica evidente, a cada tempo e lugar, os condicionantes históricos, econômicos, sociais, políticos, culturais, estéticos da casa e dos estilos de morar, como se pode depreender de Certeau (1996). Em cada época e em cada estilo, a pessoalidade do estar morando, do habitar e do *habitat*, vez que as casas, em geral, arrumam-se sob a forma de ruas, uma casa interagindo com outras tantas casas, no melhor sentido do vocábulo *Ecologia*.

Mas se isso se pode dizer sobre o que seja o conceito de “casa”, a que corresponde a noção de “uma casa”? Falar do conceito impessoal de casa não significa apreender a noção individualizada de “uma casa”. E o que faz “uma casa”? O que faz uma casa, uma determinada casa, não é apenas piso, paredes, teto. O que faz uma casa é a dinâmica da casa, é a circulação de pessoas e coisas e bens e valores: o ir e vir de passadas e passados, a chegada de visitas, a partida de parentes, o dia a dia das presenças e gestos que vão preenchendo as salas, os quartos, todos os cômodos da casa. Pensar “uma casa” significa pensar a casa no tempo e os tempos da casa, significa pensar a casa de ausências e presenças. Falar sobre uma casa no tempo significa ter que dizer dos estilos de morar, sempre diferentes, a cada tempo, compare-se, por exemplo, o morar moderno em apartamentos com o morar dos gregos e romanos, os quais passavam a maior parte do dia fora de casa.

De outro modo, sobre os tempos de uma casa, havemos que referir o contraste entre uma casa nova, cheirando a tinta fresca e ainda sem história e a casa natal, casa a que prototipicamente retornamos, toda a vez em que voltamos para casa, o que leva Bachelard a dizer: “Habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança, é viver na casa desaparecida como nós sonhamos” (BACHELARD, 1978).

Pensar uma casa, porém, implica também em pensar uma casa no espaço e nos espaços de uma casa. Sobre tal questão, afirma Bachelard (1978): “a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade. Reimaginamos constantemente sua realidade: distinguir todas as imagens seria revelar a alma da casa; seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa”, casa que é imaginada como um “ser vertical” e “como um ser concentrado”, esse ser concentrado que localizamos no espaço através do que se denomina *endereço*, o que, para Houaiss e Villar (2001), é 1. *Conjunto de dados (nome de rua, número de casa, prédio ou terreno, etc.) que torna possível a localização de um imóvel e/ou designam*

o próprio imóvel. 2. Inscrição do nome e residência em sobrecarta, bilhete etc.; sobrescrito. Dito de forma figurada, endereço, em suma, é a nomeação pública de nosso lugar, ponto em que, na trama anônima da cidade, podemos ser localizados, nosso canto.

No tocante aos espaços de uma casa, uma obviedade: à casa se contrapõe a rua. A rua é o espaço público, e *público*, dizem Houaiss e Villar (2001), é aquilo que é *1. Relativo ou pertencente a um povo, a uma coletividade. 2. Relativo ou pertencente ao governo de um país, estado, cidade, etc. 3. Que pertence a todos; comum. 4. Que é aberto a quaisquer pessoas.* Ou seja, enquanto espaço público, a rua é um lugar de todo mundo, porquanto a casa é um lugar privativo, o canto de cada um. Afirmam Houaiss e Villar (2001), sobre o que é coisa privada, quanto aos sinônimos que nos interessam: *3. Que pertence a um indivíduo particular. 4. Restrito, reservado a quem de direito; confidencial. 5. Que é pessoal e não expresso em público. 7. Afastado do conhecimento público; secreto. 9. Sem presenças alheias; só, solitário, isolado. 11. Pertencente a cada indivíduo; particular, próprio, individual.*

Assim, fora da casa é o imprevisto, o acaso, a desproteção, o desvalimento. Dentro da casa, é o aconchego, a fraternidade, a união – pelo menos como ideal, vez que a casa é o ninho do homem.

A esses dois usos sociais do espaço, o público e o privado (HALL, 2005), este último sendo melhor inventado a partir dos séculos XVII-XVIII, soma-se um terceiro, visibilizado a partir do conceito de *intimidade*.

O íntimo, dizem Houaiss e Villar (2001) é *1. Relativo a quem constitui a essência, o cerne de algo. 2. Quem tem origem ou que existe no âmago de uma pessoa. 3. Que diz respeito ao que se passa nos recônditos da mente, do espírito. 4. A quem se é estreitamente ligado por laços de afeição e amizade. 9. Que trata de assuntos extremamente pessoais e confidenciais; particular, privado. 11. Cujo ambiente é propício a que se tenha privacidade, tranquilidade e aconchego.*

O espaço íntimo, bem se percebe, é um recorte mais pessoal na privacidade do que é privativo. Exemplos de espaços íntimos, na casa, em nome do pudor e do decoro, como aponta Bologne (1990), são a alcova e sobretudo a privada – que de um certo modo era pública, quando até finais do século XVIII.

Esse espaço da mais total privacidade se diz respeito aos segredos sexuais do cálam e da internidade das vísceras, diz respeito, também, à projeção do dono da intimidade para as coisas da casa onde guarde seus segredos, o cofre, a bolsa, a carteira, mas também as gavetas, os guarda-roupas, as agendas e objetos de uso pessoal. E somente a casa pode possibilitar, de forma duradoura, essa intimidade, cuja máxima expressão é a fechadura, da qual afirma Bachelard (1978): “que umbral psicológico é uma fechadura!”

Por outro lado, descrever os cômodos da casa é coisa simples, embora, como salienta Bachelard (1978), “as coisas simples são muitas vezes psicologicamente complexas.” Sumariamente podemos dizer que salas, quartos, cozinhas, banheiros, são esses, geralmente, os cantos da casa, as partes que dão sentido ao todo que é uma casa.

Mas se uma casa é o sentido da casa, uma casa é também uma casa para os sentidos, sobretudo a visão, a escuta, o olfato. De um lado, existem os claros e escuros de uma casa, vez que se há de convir que uma coisa é casa vestida de luz, para as festas, outra é uma casa à luz de velas ou uma casa às escuras, embora a luz e a escuridão sejam ambos constituintes inequívocas de uma casa, sobretudo se considerando o porão sempre à sombra, dentro da terra, o sótão que se abre para a luz, projetando-se para as nuvens.

Se assim o é para a visão, depois é barulho de festa, são risos, murmúrios, cochichos, gemidos que ecoam do piso, do teto, das paredes, os quais melhor percebemos quando, por exemplo, uma vez adultos, voltamos à casa da infância e só então nos damos conta do eco do tempo nos retratos dos parentes mortos a nos espiarem, em silêncio, das paredes onde se acham dependurados por um fio

desde sempre, a casa contida no tempo se confundido com o tempo contido na casa, contados os silêncios de uma casa na casa cantada pelo tempo da memória. Afirmar Bachelard (1978): “para quem sabe escutar a casa do passado, não será ela uma geometria de ecos? (...) As vozes, a voz do passado ressoa de forma diferente num cômodo grande e num pequeno quarto”. Mas, evidentemente, os silêncios de uma casa tanto dizem de uma casa em silêncio quanto falam de uma casa silenciada. O que, evidentemente, não é uma mesma coisa. Uma casa em silêncio quase sempre é uma casa em paz, uma casa que repousa. Uma casa silenciada, casa onde não se fala e muito menos se canta, é casa amordaçada – e sabe lá quem adiante dela passa qual seja o motivo de tanto silêncio...!

Mas se isso se dá ou não se dá aos ouvidos, o que dizer dos cheiros de uma casa? O cheiro de uma casa é sempre único. Cada casa tem aroma próprio, cada cômodo seu odor apropriado. O cheiro de pão, na cozinha; o cheiro de visitantes, na sala de visitas; o cheiro de hospitalidade, na sala de estar; nos quartos de dormir, o cheiro de cumplicidade, de prazer, de sofrimento ou solidão, ou, quem sabe, o cheiro de doença e o cheiro de morte.

Ocorre, entretanto, que dizer da noção de uma casa não significa falar da ideia de “minha casa”. Falar “minha casa” é diferente de dizer “uma casa” – o que difere, por sua vez, do conceito de “casa”. Proferir a sentença “minha casa” tanto remete à casa própria quanto à própria casa, no que ela difere entre *moradia* e *lar*, coisas afetivamente diferentes, pois *moradia* é o lugar onde se mora, apenas, enquanto *lar* é o lugar em que geralmente se vive com a família, núcleo da coabitação afetiva e efetiva. Sobre *lar*, dizem Houaiss e Villar (2001): 2. *A casa de habitação; domicílio familiar*. 3. *Grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto; família*. 4. *A pátria, a terra natal*. 6. *Ninho de aves ou covil de animal*. 7. *Entre os etruscos e os antigos romanos, deuses domésticos, protetores da família e da casa*.

Talvez o *lar* seja melhor caracterizado quando se tem em mente a casa da infância. Sobre ela, conta Bachelard (1978): “Tudo o que

devo dizer da casa da minha infância é justamente o que me é necessário para me colocar numa situação de onirismo, para me colocar no bojo de um devaneio em que vou repousar no meu passado”. Afirma ele, ainda, mais adiante: “A casa natal, mais que um protótipo de casa, é um corpo de sonhos”

Lar é casa natal, seja uma choupana, seja um castelo. Aliás, diz Bachelard (1978), citando George Sand, diz que “se podem classificar os homens segundo queiram viver numa choupana ou num palácio. Mas a questão é mais complexa: quem tem um palácio sonha com uma choupana, quem tem uma choupana sonha com um palácio. Melhor, cada um de nós tem suas horas de choupana e suas horas de palácio.”

Em um caso e noutro, o que interessa é que a moradia, para ser lar, tem que ser como mãe que acolhe, tem que existir, na casa, uma casa de braços abertos, pois não nos fala Bachelard (1978) da “maternidade da casa”?

Pois bem, a casa própria é sonho: possuir um teto que nos projeta, ser proprietário do chão em que se pisa, poder deixar por herança todo o tempo de uma existência transcorrido entre paredes. Mas se a casa própria é sonho, a própria casa pode ser motivo de devaneio, quando, por exemplo, pensamos nas entranhas de nossa casa, em seus intestinos de canos hidráulicos, em suas fiações elétrico-nervosas, em seu esqueleto de ferro, em suas carnes de tijolos e em sua pele de argamassa. E só nós sabemos das doenças de nossa casa: cupins, moscas, baratas, ratos, teias de aranha, uma torneira que pinga, uma lâmpada que não acende, males, aliás, de que padecem os melhores lares.

Por isso tudo, a casa da infância é o ninho primordial e o ninho, para Bachelard (1978), “o ninho é um ramo de folhas que canta”, sendo “o mundo o ninho do homem”.

Mas como ninhos, os lares às vezes se desfazem, quando os laços afetivos se rompem, quando as relações cotidianas se esgarçam. Em tal situação, as pessoas se perdem de casa e a casa se perde

enquanto ponto de referência. Aliás, toda a vez em que uma casa se perde, seja essa perda consequência de intempérie, seja por motivo de exílio, por exemplo, toda a vez que uma casa se perde, repetimos, não só nos perdemos na casa, somos nós que nós perdemos de nós mesmos. Por isso, o que dizer desses que são sem-teto, esses que, “fora do ser da casa, [enfrentam a] circunstância em que [se] acumulam a hostilidade dos homens e a hostilidade do universo”? (BACHELARD, 1978).

Por outro lado, se o lar pode ser entediante para quem, por doença ou por determinação legal, não pode sair de casa, quanto prazer é poder construir uma moradia, quanta alegria é poder voltar à morada, quanta felicidade é poder ser aceito como morador, seja de um albergue, de uma pousada, de uma residência terapêutica, isso que tem por função dar um endereço, permitindo a cidadania; possibilitar um centro, um canto a uma pessoa sem família, permitindo abrigo e aconchego. Afinal, é a hospitalidade que transforma o inimigo (*hostis*) em hóspede (*hospis*), como se pode deduzir a partir da ideia proposta por Derrida (2003) e confirmada em Houaiss e Villar (2001). Tudo isso porque um sujeito sem casa é um sujeito sem centro – e um sujeito sem centro será um sujeito?

Entretanto, somente porque temos um teto, quase sempre nos esquecemos de reverenciar os lares, fazendo-lhes votos e lhes acendendo velas. E nos pomos em dilema: se dentro do lar é segurança contra o mundo, é o mundo e seus perigos lá fora nos chamando... Ir ou não ir? Ficar ou partir? Poder, querer, dever ficar; dever, querer, poder partir; querer, poder, dever voltar. Querer ficar, mas ter de partir. Não poder partir, ter de ficar. Dever ou não dever, quer ficar, quer partir, quer voltar, são muitos os dilemas colocados entre a minha casa no mundo e o mundo da minha casa. Nisso tudo, no que tange à minha morada, a quantos metros, para baixo, os muros de minha casa se projetam? Ou seja, quanto se projeta, terra a dentro, o meu direito de posse sobre o terreno em que se ergue minha casa? E quanto do céu acima me pertence, se sou dono da terra onde

edifiquei minha morada, cujos muros para o alto se arremetem? Com isso concorda Bachelard (1978), dizendo de sua casa: “Suas paredes se condensam e expandem segundo meu desejo. Às vezes aperto-as contra mim, como uma armadura de isolamento... mas, às vezes, deixo as paredes de minha casa se expandirem em seu próprio espaço, que é de extensibilidade infinita”. Pensamos nisso, enquanto a casa embala nossos sonhos noite adentro e somente sabemos, em todo caso, que, quando em viagem, partimos de casa, mas é para o lar que voltamos. Quando partimos, é sempre saudade de casa; quando voltamos, é sempre e sempre a velha casa que é sempre a mesma, sendo sempre uma casa nova, diferente, pois ninguém entra o mesmo duas vezes numa mesma casa.

Referências

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BENEVOLO, L. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BOLOGNE, J. C. **História do pudor**. Rio de Janeiro: Elfos, 1990.

BOTTON, A. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle Convida Jacques Derrida a Falar da Hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

GIORDANI, M. C. **História do mundo feudal**. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1983.

HALL, E.T. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAFFRE, J. J. **A vida na Grécia clássica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.